

19.5 (Dezanne, Cius)
 Carlos

Rui Reed
 7-5-2013

1. A Psicologia é a ciência que estuda o comportamento e os processos mentais. O principal foco da psicologia encontra-se no indivíduo, em geral, humano, mas o estudo do comportamento animal para fins de pesquisa e correlação. *também se objecto de investigação (Psicologia Comparada)*

(5)

2. A psicologia é uma disciplina científica, definida como a ciência que estuda o comportamento e os processos mentais do ser humano e a dor dos animais. Comportamento é qualquer ato efectuado pelo organismo e que possa ser observado e registado. Sorrir, falar, pestanejar, calçar um sapato, marcar respostas num questionário são exemplos de comportamentos.

Processo mental é um fenómeno interno e subjectivo, inferido a partir dos comportamentos observados. Sensações, percepções, lembranças, emoções, sonhos, pensamentos, crenças são exemplos de processos mentais.

O conceito de psicologia enquanto ciência que trata do comportamento e dos processos mentais é relativamente recente. Passaram-se muitos séculos antes que a psicologia fosse considerada ciência e se constituísse como área de trabalho independente, distinta da filosofia. E quando deu os primeiros passos como ciência, não se voltou logo para o comportamento, estando os psicólogos mais interessados em perceber o modo como vemos o mundo, como pensamos nas coisas, como mensuramos os acontecimentos e como sentimos o que nos afeta, ou seja, a psicologia começou por se empenhar em compreender o interior do homem, antes de se preocupar com as condutas exteriores.

Centr!
 (6)

3. A psicologia procura realizar várias finalidades, procura descrever comportamentos e processos mentais, o que significa identificar as causas que os determinam, procura prever comportamentos, o que só é possível a partir da identificação das suas causas e, em que ocorrem os comportamentos, o que exige a sua explicação e previsão. *Descrever, explicar, prever e controlar os fenómenos comportamentais*

(5) Well

4. Os psicólogos foram fazendo investigações e recolhendo dados de outras ciências que mantêm afinidades com a psicologia na tentativa de compreender o ser humano. Porém, apesar do seu esforço de cientificidade, os psicólogos não souberam escapar a exageros assumindo posições extremadas e unidireccionais, base de acentuadas dicotomias, tendentes a perpetuar parcelares. Deste modo, acerca da determinação do comportamento e do desenvolvimento humano, surgem as seguintes questões dicotómicas: o inato e o adquirido; o interno e o externo; o individual e o social; a estabilidade e a mudança; a continuidade e a descontinuidade. Por mais cómodas que nos pareçam estas dicotomias, temos de reconhecer que ostentam uma faceta negativa, enquanto se constituem como formas exageradas e simplistas de compreensão que conduzem, inevitavelmente, a panoramas redutores. A fragilidade das interpretações dicotómicas é atestada pela dificuldade de encontrar uma corrente psicológica, uma teoria ou um psicólogo que, ancorando-se num polo extremado, consiga resolver equilibrada e condignamente a totalidade das questões levantadas. A perspectiva mais razoável acerca da compreensão do ser humano será a que, em vez de dividir e acentuar oposições, procurar aproximar e integrar. *Centr, boa redutibilidade*

(6)

5. A dicotomia inato e adquirido surge a propósito da questão de saber como é que nos tornamos humanos, se é através de mecanismos inatos de natureza hereditária ou se é através de dados adquiridos no contacto com o meio ambiente.

Enquanto alguns psicólogos advogam que os comportamentos do ser humano se explicam a partir de mecanismos inatos de natureza hereditária, sendo o potencial genético que determina o desenvolvimento do ser humano e considerando o meio apenas uma condição necessária para que as características determinadas geneticamente se actualizem, outros psicólogos opinam que o comportamento do ser humano é essencialmente adquirido no contacto com o meio ambiente.

Er Centr!?

Skinner

Gesell foi um dos psicólogos que encabeçou o modelo maturacionista ao acreditar e defender que o desenvolvimento humano se deve fundamentalmente a processos internos da maturação do organismo, devendo muito pouco às influências ambientais externas, ao contrário dos psicólogos behavioristas, como Warton e Sierner, que as diferenças detectadas na evolução do indivíduo se devem exclusivamente às situações do meio, sendo as experiências e as aprendizagens factores insubstituíveis na aquisição de estruturas que possibilitam a cada ser humano as adaptações adequadas à sobrevivência e à continuidade.

6. O conceito de consciência é referente à teoria da Introspecção Controlada. O de inconsciência é referente à Concepção Psicanalítica da Mente. O conceito de comportamento refere-se ao controlo do comportamento humano, já que o conceito de Cognição e Mente são referentes à teoria do Desenvolvimento Cognitivo e ao Conceito Integrador da Mente. Certo! 6

7. Wundt enfatiza os fenómenos psíquicos como elementos essenciais da mente humana, considera a consciência como o que existe de significativo no ser humano. A consciência foi o primeiro objecto da psicologia científica, tendo sido investigada a partir das suas principais manifestações: pensamentos, lembranças, emoções e sentimentos. O método utilizado foi o instrospectivo. Com Wundt, a psicologia deixa de ser uma série de considerações filosóficas acerca da alma humana e passa a ocupar-se dos processos mentais/consciência.

Wundt considera que, para conduzir a resultados fiáveis, a instrospecção deve ser disciplinada pela fiscalização experimental. Daí que tome uma série de precauções, praticando uma introspecção controlada.

A partir de muitas experiências, Wundt e outros psicólogos concluíram que as sensações se combinam de tal forma que o resultado final pressupõe não uma mera soma de elementos, mas algo mais que os elementos constituintes.

As sensações associam-se umas às outras, segundo determinadas leis.

Descobrir essas leis foi, pois, um dos objectivos que levou Wundt a controlar a instrospecção por processos laboratoriais. A primeira tarefa da psicologia de Wundt era, portanto, analítica. A segunda era sintética, pretendendo a reconstituição da estrutura global dos processos mentais. Certo! 6

A intenção de Wundt fazer da psicologia uma ciência deparou com a dificuldade de tratar objectivamente os fenómenos psíquicos, que sendo interiores, se mostram inacessíveis ao psicólogo.

As suas investigações ficaram, pois, sempre na dependência do método instrospectivo.

8. Wundt começou com uma recolha de dados com o objectivo de analisar a "experiência consciente", provocar nos sujeitos pequenas sensações de luz ou de som, pedindo-lhes que desenvolvessem o que sentiam. Ao psicólogo cabia-lhe o papel de anotar e interpretar os resultados e aqui reside o essencial da introspecção.

O método instrospectivo preconiza a observação sistemática e a descrição do conteúdo de consciência feita pelo próprio sujeito, para que possam ser estudados pelos psicólogos. 6

9. Porque se considera Wundt integrado numa perspectiva estruturalista?

R: Wundt foi o fundador da psicologia científica com a criação, em Leipzig, em 1879, do primeiro laboratório de psicologia experimental, onde se dedicou a investigar a consciências e os seus fenómenos. Provocava sensações em pessoas, interrogando-as acerca do que sentiam. As pessoas tinham que se auto-analisar e relatar o que se passava com elas, processos que são sempre acompanhados de subjectividade. Para

contornar esta limitação do método introspectivo, Wundt só o aplicava em laboratório e em situações que pudessem ser controladas por si próprio. (6)

10. Apresente três críticas possíveis ao método introspectivo de Wundt.

R: Podem ser apresentadas três das seguintes críticas: É difícil o observador observar-se a si mesmo. Segundo Comte, o sujeito pensante não pode dividir-se em dois: um que pensa e outro que se analisa a pensar; Quando se descrevem os fenómenos psíquicos eles já ocorreram. Tem que se recorrer à memória, o que provoca distorções; A tomada de consciência de um fenómeno altera esse fenómeno. A análise racional de um facto psíquico reduz os seus componentes afectivos; É impossível observar a consciência de outrem, pelo que é um processo que dificilmente é controlado por outros observadores; Os sujeitos podem não dispor de linguagem apropriada para transmitir o que se passa no seu interior e, além disso, as pessoas têm linguagens diferentes para descrever o mesmo fenómeno; Não se aplica a factos de natureza fisiológica; Não se aplica no âmbito da psicologia infantil, da psicologia patológica nem da psicologia animal; Não permite observar o inconsciente. (6)

Centr!

11. Descreva nos seus traços gerais a concepção psicanalítica freudiana de mente.

R: Freud considera a mente humana semelhante a um iceberg. A parte emersa corresponde ao consciente, constituído pelas noções, lembrança, imagens que a pessoa é capaz de evocar e utilizar. A suportar esta parte, existe uma outra, sob as águas, que Freud compara ao inconsciente. Este é constituído por pulsões, traumas e desejos socialmente inaceitáveis que, aprisionados e recalcados, anseiam manifestar-se, só o podendo fazer sob a forma disfarçada. A pressão que exercem é perturbadora, estando na origem de distúrbios emocionais. Freud valoriza o inconsciente, instância a que não temos acesso, mas em que residem pulsões básicas que, como o "eros" e o "thanatos", comandam, sub-repticiamente, toda a nossa vida psicológica. (6)

12. Explique o funcionamento da estrutura freudiana do psiquismo humano.

R: O aparelho psíquico é uma estrutura que se subdivide em três subestruturas que interactivam umas sobre as outras, mas com papéis específicos: id, ego e superego. O id é constituído por impulsos biológicos como a fome, a sede e o sexo, que exigem satisfação imediata. Constitui a base da sobrevivência individual e da continuidade da espécie. O superego é formado pela interiorização das regras impostas pelos pais e pela sociedade em geral. O superego tem carácter ideal e é o fundamento da moral. O ego é a instância consciente e tem por função tomar as decisões quanto à resolução do conflito travado entre o id e o superego. Trata-se do elemento racional da personalidade. (6)

Centr!

13. Qual é o conflito ou antagonismo interno que, segundo Freud, dinamiza o aparelho psíquico?

R: No centro do nosso psiquismo, trava-se um conflito dinâmico entre duas instâncias de personalidade: o id e o superego. O id é totalmente inconsciente e é a componente básica da personalidade, representando o que há de mais primitivo no homem. Centro da libido ou energia psíquica instintiva, o id é incapaz de suportar tensões, só obedecendo ao princípio do prazer, o que o impulsiona a agir e o faz reduzir de imediato as tensões dolorosas. Com o id rivaliza o superego, que é a instância moral ou ideal da personalidade. Formando pela interiorização dos valores sociais, conflita com os impulsos biológicos, sexuais e agressivos do id. O superego tem ainda por funções pressionar o ego no sentido de substituir os objectivos imorais por morais. O ego é o mediador entre ambos. Operando de acordo com o princípio da realidade, tenta moderar o id e retardar a gratificação imediata que o princípio do prazer requer. Essencialmente consciente, é a instância executiva da personalidade: selecciona as situações a que a pessoa tem de responder, controla a acção, e decide o modo como as necessidades pessoais podem ser satisfeitas. (6)

14. Em que consiste o método psicanalítico?

R: O método psicanalítico consiste num conjunto de processos que visam trazer à consciência das pessoas os impulsos, complexos, traumas e frustrações recalcados no seu inconsciente e que lhes provocam distúrbios psico-emocionais e comportamentais. Entre os processos de libertação do inconsciente, o psicanalista pode recorrer à associação livre, à análise dos sonhos e ao estudo do "transfert". Este método assenta no pressuposto de uma vez que o sujeito tome consciência do que se passa no inconsciente, as pulsões libertam-se, deixando de perturbar a pessoa.

6

15. Como é que Watson concebe a noção de comportamento?

R: Segundo Watson o comportamento é um conjunto de respostas que o organismo dá a uma situação. Para este psicológico, situações e reacções são objectivamente observáveis e existe entre ambas uma relação de causa-efeito, o que, uma vez detectada, permite estabelecer leis explicativas e preditíveis do comportamento.

preditivas

5

Subjetiva

16. Quais são os pressupostos, ou fundamentos básicos do behaviorismo?

R: O behaviorismo ou comportamentalismo assenta em pressupostos positivistas que, fundamentalmente, são os seguintes: A psicologia tem que ser objectiva; Deve estudar o comportamento observável e não a consciência objectiva; O comportamento reduz-se a respostas objectivas a estímulos também objectivos; Entre situação e reacção há relações mecânicas que permitem chegar a leis; As leis permitem prever e controlar comportamentos.

5

17 - O individuo tem diversas formas para se adaptar ao meio que o rodeia, uma delas é a inteligência, que faz com que este viva em plena harmonia com o meio. Piaget, diz-nos que a adaptação implica dois processos antagónicos e complementares, a assimilação e a acomodação. A assimilação é a integração dos dados exteriores nas estruturas do sujeito, e a acomodação é a modificação das estruturas do individuo em função das imposições a que esta sujeito pelo meio. O primeiro é uma tendência egocêntrica que conduz à alteração do mundo exterior, pondo-o de acordo com o que o sujeito quer e deseja. Como isso é quase impossível, o sujeito só sobrevive adaptando-se ao meio em que habita, este tem que pôr em ação a tendência inversa que é modificar os seus comportamentos, atitudes, ... em função dos dados exteriores. O equilíbrio destes dois processos garante-nos uma adaptação adequada, segundo Piaget.

Centr!

6

18 - Piaget aponta para a existência de quatro fatores fundamentais do desenvolvimento intelectual, a hereditariedade, onde a maturação orgânica é o fator básico de toda a evolução; a experiência física, onde as ações vão originar sobre os objetos, depois de as operações mentais serem interiorizadas, a transmissão social, onde é necessário assimilar o que é transmitido pela educação, a equilibrção, onde é necessário que os três fatores anteriores se associem, de modo a participarem de forma equilibrada no desenvolvimento do ser. Em cada uma destas fases pretende-se que exista equilíbrio, e que este seja progressivamente superior.

6

19 - O período sensorial motor, que vai do nascimento aos 18-24 meses, é a fase da ação, das perceções e dos movimentos, que se organizam em esquemas ou estruturas de reacção ao meio. Ainda não existe operação ou pensamento, mas existe a inteligência. Esta inteligência é prática, manifesta-se pela manipulação e usa-se perante os objetos e não pelas competências representativas ou simbólicas.

Centr!

6

20 - A função simbólica é a capacidade de produzir símbolos e de lidar mentalmente com eles. Surge quando a criança passa da fase sensorial-motora para a da pré-operatividade, manifestando-se pela linguagem, desenho, imagem mental e jogo simbólico. A função simbólica é uma nova forma de inteligência que é a

representativa ou o pensamento, o qual se começa como principiante porque as operações ainda não são reversíveis. Aos 6-7 anos, a criança, já é capaz de transitar da pré para a operatividade. *Contr!* (6)

21- A operação mental é uma ação interiorizada, ou seja, é uma ação que a criança exercia manualmente sobre os objetos e que era executada no interior e intelectualmente. A ação exigia a manipulação de objetos, a operação exige a "manipulação mental" de símbolos ou representações de objetos. (6)

22- A reversibilidade mental é a capacidade que a criança tem para conseguir regressar mentalmente ao ponto de partida. É a característica que mostra que a criança já é capaz de agir intelectualmente com representações, isto é, pensa de uma forma lógica. (6)

23- Existem duas modalidades de operações, as concretas e as formais. As concretas, são próprias da criança que frequenta os primeiros anos de escolaridade, necessitam, para se executar, do apoio de objetos. A criança, quando ainda está muito presa ao esquema perceptivo, necessita de manipular objetos, contar pelos dedos, apoiar-se em imagens e desenhos. As operações formais ou abstratas, cuja instalação no sujeito se inicia no 4º ou 5º anos de escolaridade, exercem-se sobre enunciados verbais ou outros símbolos, como as expressões matemáticas. São estas operações que assinalam a entrada do pensamento formal, abstrato, conceptual, verbal ou lógico-matemático na vida da criança. *Contr!* (6)

24. António Damásio parte do princípio de que a mente é aquilo que o cérebro faz, o que lhe permite considerar que é possível compreender os processos mentais através do estudo ao cérebro. (6)

25. Damásio põe termo à visão dicotómica corpo-mente, defendendo que corpo e mente formam uma unidade integrada. A função principal da mente é pensar, mas o pensamento não é exclusivamente intelectual, apresentando também componentes emocionais. Se a emoção falhar, embora continue apto a raciocinar abstratamente, o homem é incapaz de se relacionar socialmente bem com as pessoas e de tomar decisões acertadas no quotidiano. *Concep. reducionista da mente ou uma perspectiva de reducionismo fisiológico...* (6)

26. Emoções e sentimentos contribuem para a nossa tomada de decisões em relação aos problemas colocados pela adaptação ao meio. As emoções, de índole corporal, permitem-nos reagir prontamente, quando as situações exigem uma resposta rápida, a executar antes que a razão tenha tempo e oportunidade de intervir. Os sentimentos são de índole racional e facultam respostas ponderadas, selecionadas entre as que melhor possam resolver os problemas. Permitindo fazer antecipações e previsões, as respostas dadas a nível de sentimentos são responsabilmente decididas atendendo às consequências dos atos a efetuar. *Contr!* (6)

27. Os cognitivistas computacionais vêm a mente humana semelhante a um computador, em que o cérebro se equipara do hardware, e os processos mentais, ao software. Mente e computador funcionam da mesma forma, dispendo ambos de entrada, processamento e saída de informação. A mente, como computador, obedecem a leis lógico-sintáticas, o que lhes permite efetuar as operações rigorosas da natureza semelhante à de cálculos matemáticos. Na minha opinião, não tem qualquer sentido comparar a mente humana a um computador, pois a mente humana não se limita a descodificar e a processar informação, tal como o computador. A mente humana é muito mais que isso, o ser humano interpreta as situações, os objetos, cria significados para o que percebe, descodificando a informação e processando a informação de maneiras diferentes. Já para não falar que a mente humana é subjectiva e pessoal, diferente em cada um de nós, interpretando as coisas de maneira diferente sendo, por isso, o seu funcionamento altamente subjetivo e diferente de pessoa para pessoa. Pelo contrário, o computador não interpreta, apenas

se limita a descodificar a informação e a processá-la segundo um determinado quadro operacional, objetivo e universal para todos os computadores, sendo, por isso, o seu funcionamento sempre objetivo e controlado pelo ser humano sempre da mesma maneira. Além disso, a mente humana é plástica, ou seja, é moldada e renovada pela experiência e pela evolução do ser humano ao longo da sua vida, sendo o seu funcionamento auto-organizado e subjetivo, modificado com novos dados, novas experiências, novos significados, sendo também moldada tendo em conta o contexto sociocultural em que o indivíduo se encontra. O computador, pelo contrário, é imutável, a não ser que seja o ser humano a inová-lo e a modificar a sua estrutura operacional porque, caso contrário, o computador não permite a aquisição de novos conhecimentos, limita-se a copiar a informação e a descodificá-la sempre nos mesmos moldes operacionais, sendo sempre inalterável pelo contexto cultural ou por outros quaisquer fatores. Pode assim concluir-se que o computador é uma simples máquina, desenhada num determinado molde operacional e a mente humana é um precioso sistema vivo, mutável, que permite criar novas coisas, alcançar o conhecimento, evoluir, tal como ela própria evolui em complementaridade com a evolução do ser humano, enquanto que o computador cria sempre a mesma realidade e, quando o ser humano evolui demasiado para um determinado tipo de computador, este tem de ser forçosamente substituído mas sempre através da intervenção da criatividade, da inovação e do conhecimento da mente humana.

Boa resposta!

6

28. Contra a perspetiva computacional, Bruner lança os seguintes argumentos:

- A perspetiva computacional subverte a revolução cognitivista, ao enveredar por um reducionismo igual ou ainda maior do que o behaviorismo, corrente contra a qual se originou o movimento revolucionário.
- A perspetiva computacional não abrange todas as dimensões da mente humana, que não é apenas sintaxe, mas também e principalmente semântica, o que lhe permite atribuir significados às coisas.
- A perspetiva computacional tem uma conceção da mente demasiado formal e mecânica, que não engloba os aspetos vivenciais do homem que vive e foi produzido pela linguagem e outros símbolos específicos de dada cultura.

cert!

6

29. Para Bruner, a mente humana é essencialmente uma semântica. Com ela constrói significados para atribuir àquilo com que depara. Estes significados não são arbitrários porque a mente formou-se no decorrer de um período histórico, interagindo com a sociedade e a cultura. Neste desenrolar de interações, a mente foi interiorizando toda uma bagagem de símbolos linguísticos e significados que lhe era preexistente e constituía um património comum, partilhado pela comunidade. É com esta bagagem comum que a pessoa dará sentido às coisas e aos acontecimentos.

cert! 16

30. Atualmente, tende a ver-se a psicologia como a ciência dos significados. Esta tendência explica-se porque a psicologia quer conhecer o homem e este é um ser que cria símbolos com que atribui significados a si e ao mundo. Tudo o que se possa saber a respeito de si e do mundo, passa pelo homem que percebe, interpreta e transmite pela linguagem as suas impressões. A existência do mundo, das pessoas, das coisas e do homem passa pelo facto de alguém, o ser humano, dar conta de tudo isso. Compreender o que quer que seja é compreender o modo como alguém o viu e o interpretou, ou seja, o significado ou sentido que lhe atribuiu. As narrativas são histórias pessoais contadas pelo sujeito. Segundo Bruner, o psicólogo tem que as aproveitar porque compreender uma pessoa não é conhecê-la por fora, mas saber o que se passa no interior do seu universo mental. Ora, só o próprio é que tem acesso a este universo, só o próprio é que tem uma vivência da sua mente, dispondo da linguagem para transmitir o que está mais

próximo de si do que de mais ninguém. Bruner valoriza as narrativas porque elas não só exprimem a pessoa que narra as vivências, mas o universo social e cultural em que a pessoa se desenvolveu e construiu a sua história pessoal de vida. Ao narrar, a pessoa serve-se de símbolos, de uma linguagem, de significados partilhados com que interpretou as vivências que presidiram à formação da sua identidade.

Centr. 16

Trabalho elaborado por:

Ângela Teixeira; ✓

Jenny Henriques; ✓

Liliana Parreira; ✓

Regina Silvestre. ✓

195

- A psicologia procura realizar várias finalidades, procura descrever comportamentos e processos mentais, e quer significar/identificar as causas que os determinam, procura prever comportamentos, o que só é possível a partir da identificação das suas causas e, em que ocorrem os comportamentos, o que exige a sua explicação e previsão.
- Os psicólogos foram fazendo investigações e recolhendo dados de outras ciências que mantêm afinidades com a psicologia na tentativa de compreender o ser humano. Porém, apesar do seu esforço de cientificidade, os psicólogos não souberam escapar a exageros assumindo posições extremadas e unidireccionais, base de acentuadas dicotomias tendentes a péripetias parciais. Deste modo, acerca da determinação do comportamento e do desenvolvimento humano, surgem as seguintes questões dicotómicas: o inato e o adquirido; o interno e o externo; o individual e o social; a estabilidade e a mudança; a continuidade e a descontinuidade. Por mais cómodas que nos pareçam estas dicotomias, temos de reconhecer que ostentam uma faceta negativa, enquanto se constituem como formas exageradas e simplistas de compreensão que conduzem, inevitavelmente, a panoramas redutores. A fragilidade das interpretações dicotómicas é atestada pela dificuldade de encontrar uma corrente psicológica, uma teoria ou um psicólogo que, ancorando-se num pólo extremado, consiga resolver equilibrada e condignamente a totalidade das questões levantadas. A perspectiva mais razoável acerca da compreensão do ser humano será a que, em vez de dividir e acentuar oposições, procurar aproximar e integrar.
- A dicotomia inato e adquirido surge a propósito da questão de saber como é que nos tornamos humanos; se é através de mecanismos inatos de natureza hereditária ou se é através de dados adquiridos no contacto com o meio ambiente. Enquanto alguns psicólogos advogam que os comportamentos do ser humano se explicam a partir de mecanismos inatos de natureza hereditária, sendo o potencial genético que determina o desenvolvimento do ser humano e considerando o meio apenas uma condição necessária para que as características determinadas geneticamente se actualizem, outros psicólogos opinam que o comportamento do ser humano é essencialmente adquirido no contacto com o meio ambiente.